



ELA ENTRA NA SALA DE AULA DEZ MINUTOS DEPOIS DA CAMPAINHA. Vinte cabeças se voltam para ela. Quarenta olhos a observam andar até a frente da sala com as pernas perfeitamente bronzeadas, a frente-única perfeitamente azul e a franja de movimento perfeito.

O Sr. Roland já está nos entediando. A poeira de giz no ar, ele lista no quadro os seis “órgãos” das Nações Unidas. A camisa branca de manga curta é tão fina que dá para ver a sombra dos pêlos em suas costas.

— ... Assembléia Geral, Conselho de Segurança... — continua zumbindo a voz anasalada.

— Eu queria ser membro do conselho dessa menina — diz um dos garotos, apontando na direção da garota





nova. A turma rompe em gargalhada. Bem, os *garotos*, pelo menos.

— Ora, ora — diz o Sr. Roland, dando meia-volta. — Quem é que temos aqui?

Ela lhe estende um bilhete. Eu olho fixamente e giro um feixe de cabelos vermelhos em torno do meu dedo.

— Sente-se — diz o professor. E a nova aluna obedece. E calmamente volta ao fundo da sala, sem corar, embora todos estejam observando cada movimento seu. Especialmente Perry. O *meu* Perry.

— Esta é Jenna Wilson, pessoal — diz o Sr. Roland. Os meninos aprovam com a cabeça e sorriem afetadamente. As garotas curvam os lábios para cima, em sorrisos falsos. Jenna se senta e olha para frente. Percebo que suas unhas, das mãos e dos pés, têm francesinha. Escondendo as unhas malcuidadas nas palmas das mãos, eu também olho para frente.

— ... Conselho Econômico e Social, Corte Internacional de Justiça...

O Sr. Roland retorna à lousa e continua a tagarelar. Como vem fazendo todo o semestre. Eu ouço com os ouvidos, mas meu pensamento está na nova garota. A garota *perfeita*, que agora se senta entre mim e Perry Gould. Eu sinto que ele a está avaliando. Meu coração esmorece.

De todos os momentos possíveis, por que *agora*?



2



— PATO.

Essa foi a primeira palavra que eu o ouvi dizer. Que eu me lembro, pelo menos. O pato veio voando por cima da cerca telada de aço que separa nossos quintais. Ele poderia estar identificando o pato de borracha voando ou me chamando de pato. Quem sabe? O que eu sei é o seguinte: desde a primeira palavra, Perry Gould e eu somos amigos. *Melhores* amigos, provavelmente. Mas não conte à minha outra melhor amiga, Celeste.

Perry ainda mora na Rua Cinco, em Odessa, Delaware; eu ainda moro na Seis. Estivemos ligados durante toda a nossa vida pela geografia. Agora, gostaria de ter uma conexão anatômica também.





— Pato — eu repetira ainda garotinha, andando, vacilante, para pegar a ave de borracha amarela no meu quintal.

A mãe de Perry tomava banho de sol numa espreguiçadeira ao lado da piscininha. Minha mãe estava de quatro, plantando ervas em nossa horta.

A Sra. Gould gritou:

— Desculpe! — Em seguida, perguntou: — Quer vir nadar, Ruthie?

Claro que eu queria. Mas a testa de mamãe franziu-se com pensamentos de bactérias, afogamentos...

— Eu não vou tirar os olhos dela, Fay— disse a Sra. Gould.

Relutante, mamãe me deixou ir para a casa da vizinha.

— Vou buscar o maiô e o filtro solar para ela — disse, gemendo, ao se pôr de pé.

Quando voltou, porém, eu já me encontrava do outro lado do portão, só de calcinha, e jogando água em Perry em sua piscina. Esse foi o nosso primeiro encontro. Perry me viu de topless numa época em que fazer topless não tinha a menor importância. Brincamos juntos muito antes de a vida começar a complicar cada toque entre nós.

— Do que você acha que é? — Celeste me pergunta depois da aula de estudos sociais. — Jennifer?

— Não seria *Jenni* em vez de *Jenna*? — pergunto.

— O nome da filha do presidente não era Jenna? — minha segunda melhor amiga, Frankie, pergunta. O nome dela de verdade é Frances e, na realidade, combina melhor



com ela, que é tímida, cheinha e um tantinho maria-vai-comas-outras. Ao contrário de Celeste, que se atira em todas as situações, sem se importar com quem pode atropelar.

Celeste não admite, mas tem um pouco de Frances dentro de si. E eu me vejo em ambas. Provavelmente, essa é a razão por que nos damos tão bem. Na maior parte do tempo.

— Pensei que o nome dela fosse Barbara — diz Celeste. — Por causa da avó.

— Essa é a outra — replico. — Ambas foram batizadas em homenagem às avós. Razão pela qual tirei B naquele teste sobre Constituição. Meu cérebro está cheio de inutilidades sobre gêmeos.

— Meu Deus, espero que ela não seja gêmea — afirma Celeste.

— Eu também — digo, suspirando.

— Três comigo — diz Frankie.

Silenciosamente, atravessamos o gramado até o local em que costumamos fazer nosso lanche. Corro para alcançar a sombra. A última coisa que preciso é de outra sarda. Meus longos cabelos vermelhos já estão encrespando por causa da umidade da tarde. Celeste se deixa cair diretamente no sol, dá um nó nos cabelos pretos e inclina a cabeça na direção do céu. Frankie enrola a calça capri apertada acima do joelho e chuta os chinelos para longe. Percebo que ela se esqueceu de passar creme autobronzeador no peito do pé.

Enquanto abrimos nossos lanches, sei que minhas amigas estão pensando o mesmo que eu: *O primeiro ano do ensino médio já não é difícil o bastante sem uma garota nova? E uma garota perfeita?*



— Além disso — diz Celeste, de olhos fechados —, quem vai para uma escola nova bem no fim do ano?

— É — concorda Frankie. — Quem?

— Talvez os pais dela sejam fugitivos — sugiro.

— Os Mais Procurados de Delaware — diz Celeste, rindo.

— Vocês acham que suas fotos estão expostas nos correios? — pergunta Frankie.

Lá está ela do outro lado do gramado. E está vindo diretamente para cá. Ela joga os longos cabelos cor-de-mel para a direita e a esquerda a cada passo. Os músculos de sua coxa se flexionam à medida que ela desce a colina. Ela já foi engolida pelos Semipopulares. Duas garotas do time de futebol a levam para conhecer a escola. Meu pulso dispara quando se aproximam, mas elas passam por nossa árvore sem nem tomar conhecimento de nossa presença. Não que nos importe-mos com isso. Celeste olha para ela, então torna a fechar os olhos. Frankie dá uma mordida no sanduíche de manteiga de amendoim. Eu, por minha vez, jogo meus cabelos para trás e finjo não perceber suas covinhas profundas ou a forma como seus olhos franzem quando ela ri. *Pelo menos ela não é loura*, penso. Obrigada, meu Deus, por esse pequeno favor.

— Ei.

Meu coração se agita quando ouço uma voz familiar atrás de mim.

— Ei, Perry — digo, jogando os cabelos novamente, ao fazer a meia-volta. Perry faz um gesto de cabeça para mim, mas vejo que seus olhos se deslocam para *ela*. Para



meu horror, ela olha diretamente para ele e sorri. Meleca. Agora ele também viu as covinhas dela.

Celeste abre um olho e zomba.

— Ora, se não é o P. Maluco em sua calça de rapper.

— Agora é só Maluco — corrige Frankie. — Ele tirou o P.

— Meu Deus, vocês duas — digo, fuzilando minhas amigas com o olhar. Então aperto os olhos e fito o garoto pelo qual estou inexplicavelmente enlouquecida. O único garoto que já me viu de topless e que conhece todos os meus segredos. Perry balança a cabeça no hip-hop que ecoa em seus ouvidos. Ele veste uma camiseta branca gigantesca sobre um jeans imenso com a bainha puída. Reconhecidamente, é um traje patético. Especialmente, o chapéu de lã, quando está fazendo uns 32 graus. Mas Perry faz de tudo para não parecer o gênio em ciências que é... até mesmo adotar uma aparência de rapster.

— Você não está enganando ninguém — eu disse a ele um milhão de vezes. Perry parece inteligente até comendo sucrilhos pela manhã. Ele quer ser astronauta. O curso de astronomia da Liberty High foi criado para ele e para os outros crânios que se encontram tão à frente da ciência do nono ano que não tem a menor graça. A idéia que Perry tem de férias perfeitas é um vôo até uma estação espacial. Ora, pelo amor de Deus.

Na escola, porém, Perry finge que é um garoto igual aos outros, sem uma média estratosférica. Eu costumava achar que ele era lunático. Agora, quando olho para ele, sinto como se *eu* estivesse na Lua.



— Estamos *ocupadas* — Celeste diz a Perry, toda metida. — Tente não tropeçar na calça quando andar, Bozo.

— Tente não confundir seu Q.I. com sua idade — Perry diz a Celeste, dirigindo-me novamente um aceno de cabeça e então se afastando com seu andar de malandro.

— Depois! — digo a Perry, encolhendo-me com o tom de desespero em minha voz. Irritada, pergunto a Celeste: — Por que tem de ser tão cruel com ele?

— Ele é cruel *comigo*.

— Você foi cruel primeiro.

— Ora, e por acaso estamos no jardim-de-infância? Quem liga para Perry? Afinal, ele não é seu namorado, Ruthie — afirma Celeste. — Eu não *tenho* de gostar dele.

Engulo em seco.

— Ele é meu amigo.

— Seu colega. Só porque vocês foram amiguinhos de infância não quer dizer que tenham de ser amigos agora.

O que eu poderia dizer? Não tinha coragem de contar à minha melhor amiga que estava oficialmente apaixonada por Perry Gould. Ela não consegue enxergar a alma de poeta dele como eu consigo. E, se eu contasse a Frankie sobre esse meu novo sentimento por Perry, ela imediatamente contaria a Celeste. E é por isso que Frankie será sempre a melhor amiga número *dois*.

Mas, sobretudo, porque nenhuma das minhas amigas entenderia o que aconteceu na noite da última sexta-feira. Particularmente porque eu mesma não entendo.